

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA-ALUNA

Nathália Cristina Costa Tavares¹

Olá, bell!

Eu, naturalmente, perguntaria “como vai você?” para iniciar esta carta. Mas, infelizmente você não poderá lê-la, pois, seu corpo físico deixou o plano terrestre em 2021. Contudo, você vive através de sua obra, grande sementeira em corações e mentes espalhados pelo mundo.

A recente leitura do seu livro “Ensinando o pensamento crítico” me conduziu a grandes inquietações. Especialmente o capítulo “Educação democrática”², no qual você relata como assistiu e participou em diversos momentos de sua vida nas lutas pela democracia e em como esta tem sido subvertida e deslegitimada pelos interesses mesquinhos que historicamente subjagam, usam e descartam a classe trabalhadora e as minorias; em como a escola, em especial a pública, celeiro democrático é igualmente atacado, desmantelado, usurpado. Por isso, vou te contar um pouco sobre como tem estado o Brasil e sua democracia em especial, nos últimos seis anos.

Em 2016, um golpe depõe a então presidenta da república Dilma Rousseff, assumindo seu vice Michel Temer, velha figura da política nacional, que inicia um novo capítulo no movimento de aniquilação dos direitos dos trabalhadores. Flexibilidade e liberdade aos moldes da lógica capitalista são as palavras chaves da Reforma Trabalhista de 2017 que, em linhas gerais, trouxe maiores garantias ao empregador em detrimento ao empregado. Me parece algo como uma forma de regulamentar a lógica do empreendedorismo, sabe? Aquela coisa, se você está desempregado é sinal de que é necessário se reinventar. Se você tem trabalho, você também tem que se reinventar “porque lá fora está cheio de concorrentes”, dizem. O trabalhador é o responsável por suas mazelas e o empregador um nobre e generoso samaritano.

Quando você inicia seu texto nos contando sobre a situação dos homens negros egressos da guerra, minha mente faz um paralelo com a atualidade, pois a guerra é de outra forma, mas, as vítimas são as mesmas. O que houve com o entendimento democrático da população? Quando nós, pobres, povo, classe trabalhadora, esquecemos que o poder emana de nós e concordamos passivamente com os ditames que nos subjagam?

Voltando ao nosso assunto, simultaneamente, de modo cadenciado e crescente, observa-se um aumento no dólar, da inflação, dos combustíveis, declínio no valor real do salário mínimo e, conseqüentemente, todos os efeitos derivados desse cenário como a perda do poder aquisitivo dos pobres e aumento da miséria. Situação inversamente proporcional à

¹ Formada em Pedagogia pela FUPAC-Ubá em 2014; Professora na Rede Municipal de Ensino de São Geraldo-MG desde 2017. Atualmente, mestranda em Educação pela UFV.

² hooks, bell. Ensino 2: educação democrática. In: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020. s/p.

dos detentores dos meios de produção. Resumindo, “*O rico cada vez fica mais rico e pobre cada vez fica mais pobre*”, como diz uma música³.

Vimos, igualmente, a ascensão de discursos de ódio e violência contra as minorias. Dentre os candidatos às eleições do ano de 2018, há o então deputado federal Jair Bolsonaro, ex-militar, conhecido por suas falas e atitudes misóginas, racistas, preconceituosas, de ódio e violência, que escancaram seu desprezo pela vida. Em 2019, este candidato toma posse, após ser eleito por 55,13% dos votos válidos: 57.796.986 votos. Que tristeza senti, bell. Esse montão de gente elegeu uma pessoa que fugiu de qualquer tipo de debate, de exposição de planos e ideias para seu governo, algo essencial em uma democracia. Como nossas ideias amadurecem, como progredimos, questionamos, mudamos ou ratificamos nossos pensamentos e opiniões sem debate, sem diálogo? Como conhecemos o diferente, sem que ele tenha a oportunidade da fala respeitosa e amorosa, aqui parafraseando o querido Freire? Como aprender e exercitar a escuta amorosa sem a possibilidade da conversa?

Em pleno século XXI, com tantos avanços tecnológicos e científicos, me pego nos mesmos questionamentos de Caetano Veloso na música Podres Poderes:⁴ “*Será que nunca faremos senão confirmar/ A incompetência da América católica/Que sempre precisará de ridículos tiranos/Será, será, que será? /Que será, que será? /Será que esta minha estúpida retórica/Terá que soar, terá que se ouvir/Por mais xil anos*”. Curiosamente, esta música foi lançada em 1984, ano em que o país ainda estava sob jugo da ditadura militar. Absurdo, após quase 40 anos a história se repetir, de certa forma.

De 2019 até 2022 foram tempos dolorosos, marcados pela segregação da vida, da alegria e da esperança. Você acreditaria se eu te contasse que, o governo miliciano tem entre seus apoiadores mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, negros, pobres, classe trabalhadora? É, você acreditaria. Minha constante autoindagação me conduz às leituras de Paulo Freire, especialmente à sua brilhante Pedagogia do Oprimido⁵ e sobre vida e obra Franz Fanon⁶, na temática sobre o anticolonialismo, que conheci em uma disciplina do mestrado intitulada Educação e Razões Oprimidas, em homenagem ao patrono da educação brasileira. Em consequente, observo alguns entes queridos a minha volta, apoiadores desta nefasta perspectiva e suas respectivas características: homens/gays/negros/pobres – mulheres/cis/negras/pobres – homens/gays/brancos/pobres – homens/cis/brancos/pobres. Por vezes penso se, de alguma forma, tudo o que está acontecendo é na verdade um sonho. Daqueles que ocupam a noite toda e acordamos desgastados e fatigados, mas aliviados de ter sido apenas um sonho.

Por todo esse tempo, todo tipo de ataque à democracia foi alimentado e propagado por este grupo fascista e seus sectários. Falas preconceituosas e criminosas foram amplamente proferidas sob o pretexto mentiroso de “direito à expressão”, garantido pela nossa constituição democrática. Chegaram a falar da existência de um “racismo reverso”, acredita? O ponto positivo é que trouxe à tona a explicação do que é exatamente racismo e

³AS MENINAS. **Xibom bombom**. São Paulo: Universal Music:1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=THHhpYFW2bU>. Acesso em: 10 nov. 2022.

⁴CAETANO VELOSO. **Podres poderes**. Rio de Janeiro: Philips Records: 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nu1dnKkgT7Q>. Acesso em: 11 nov. 2022.

⁵FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁶DIAS, Vivian Valério. Convergências entre o pensamento de Frantz Fanon e Paulo Freire: Da zona do não-ser à vocação ontológica do ser-mais. **Revista Estudos do Sul Global**, v.1, n.2228-246, set, 2021.

a importância da lei de cotas raciais como forma de reparação histórica, bem como a necessidade de mais ações de mesmo cunho.

Inúmeras vezes, ao seu modo peculiar, lançaram dúvidas quanto à segurança das urnas eletrônicas. Incitações à balbúrdia e desrespeito aos demais poderes que constituem nossa democracia. Você acredita que um sem número de vezes, incitados por seu líder, estes seguidores pediram e ainda pedem intervenção militar a pretexto de garantir “liberdade”? De igual forma, atacaram a educação e seus profissionais das formas mais baixas e grotescas.

O escárnio pela vida teve seu ponto mais alto durante a pandemia do vírus da COVID-19⁷. Inúmeras pessoas doentes e morrendo pela doença e/ou por seus efeitos. A economia, a cada dia pior, e o eleito fascista se empenhava em piorar o que não estava bem. No desdobrar de nossa conversa, me deparo com a seguinte questão: sendo a democracia, uma forma de governo em que o povo exerce sua soberania, que tipo de povo atualmente é o brasileiro?

Segundo o que consta no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)⁸, nesta eleição de 2022,

[...] houve um comparecimento de 79, 41% do eleitorado (quase 125 milhões de eleitores compareceram às urnas) e o menor índice de abstenção do segundo turno em relação ao primeiro turno, pela primeira vez nas últimas cinco eleições, bem como um número mais baixo de votos brancos e nulos, demonstrando efetivamente a participação maciça do eleitorado brasileiro.

O primeiro lugar foi eleito com 60.345.999 votos e o segundo lugar obteve 58.206.354 votos. Uma diferença de 2.139,645 votos. Ou seja, mais de 58 milhões de pessoas foram às urnas exercer sua cidadania, cumprir seu papel democrático, mas, observe que controverso, declarando seu apoio ao bolsonarismo. Veja só, bell, esse mundão de gente ignora todos os fatos na tentativa de manter o representante do mal e seu uso do poder de forma nefasta, cometendo atrocidades e banalizando a vida, cenário ilustrado pelo trecho da música de Caetano Veloso, Podres Poderes: *“Enquanto os homens exercem/ Seus podres poderes/ Morrer e matar de fome/ De raiva e de sede/ São tantas vezes/ Gestos naturais”*.

No vídeo sobre a vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2022, intitulado “A democracia é uma luta constante” em seu canal no YouTube, a célebre Rita Von Hunty⁹, nos traz a indagação: vitória para quem?¹⁰ Estou imensamente feliz com a vitória do amor, da ciência da esperança. Mas, nossa realidade ainda é alarmante, medonha.

Devemos comemorar, meu coração está mais aliviado, mas não podemos ignorar essas 58 milhões de pessoas que votaram nesse projeto antidemocrático citado. Os

⁷ Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e suas variantes.

⁸BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Presidente do TSE apresenta números do 2º turno das Eleições 2022. Disponível

em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/presidente-do-tse-apresenta-numeros-do-2o-turno-das-eleicoes-2022>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁹ Persona do professor, ator, YouTuber, comediante, palestrante e drag queen brasileiro, Guilherme Terrei Lima Pereira. Formado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

¹⁰ TEMPERO DRAG. A democracia é uma luta constante. YouTube, 17 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cK8GmfqY9ek>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Bolsonaristas são pessoas que ignoram absurdamente os dados objetivos. A realidade concreta é substituída por achismos e suposições que são levados ao pé da letra como realidade, a exemplo das mentiras lançadas sobre a eficácia das vacinas, principalmente da COVID-19. Um discurso unilateral que tem como ingredientes a deslegitimação do outro, o discurso de ódio, a mentalidade de seita e a ausência de diálogo.

O conceito *banalidade do mal*, de Hanna Arendt, trazido no artigo intitulado “Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt”¹¹, da professora Vera da Silva Telles, é certo em nos situar historicamente e explicar uma das características da semelhança entre o bolsonarismo e o fascismo. As semelhanças nas descrições dos eventos da 2ª Guerra Mundial são esclarecedoras e alarmantes. Segundo Hannah Arendt estes eventos se constituem como “[...] uma experiência radical, na qual os critérios que permitiam aos homens distinguir no mundo a verdade da mentira e o bem do mal foram subvertidos [...]” (1990, p. 24). Mais adiante, Telles traz o trecho no qual Arendt relata sobre o julgamento de um dos generais de Hitler, detalhando as características de um dos homens diretamente responsáveis pelo Holocausto: “[...] ‘os atos eram monstruosos, mas o responsável era comum, como todo mundo, nem demoníaco, nem monstruoso’ [...]” (1990, p. 25) pessoas comuns, como eu e você, sem nenhuma forma alegórica como geralmente as histórias fantasiosas descrevem o mal.

Tem uma questão, bell, que eu gostaria de comentar com você. Essa é a terceira vez em que Lula se elege presidente, um marco na nossa história. Sempre me chama atenção que na maioria dos discursos dele, em todas as ocasiões, é ratificado seu compromisso em garantir ao pobre três refeições diárias. Inicialmente eu pensava que essa importância toda era simplesmente porque ele e os familiares já estiveram nessa situação e, por isso, ele tem empatia pelas milhões de pessoas, no Brasil e no mundo, que ainda vivem nessas condições. E, quem nunca passou pela fome, pela vulnerabilidade alimentar, é indiferente por covardia e descaso. Mas meu olhar amadureceu e entendi o que acontece. Com fome não se pode lutar por direitos, questionar o que está sendo posto, é comer para sobreviver. Assim, o ato básico da biologia de todo ser vivo, a alimentação, é também uma questão política.

Lembro-me de ouvir por uma rádio na internet uma propaganda da rede municipal de ensino da prefeitura da cidade de Guarulhos, em São Paulo, em que era enaltecido o cuidado com a alimentação dos alunos, pois havia uma equipe de nutricionistas que garantia às crianças alimentação de qualidade e, assim, as famílias podiam ficar tranquilas com as crianças na escola. Passei a prestar atenção e a única propaganda sobre a educação era essa. Sim, nós que estamos nas escolas, principalmente nas públicas – em especial as que atendem as famílias da classe trabalhadora – sabemos o quanto muitas das crianças se alimentam apenas na escola.

Mas, este ser o critério para mensurar a “qualidade” da educação, o fomento para que a criança esteja na escola, diz muito. Nos diz o quanto a fome é usada de forma vil, escancarada, para subjugar o pobre, o trabalhador, a mulher que é mãe solo. Sobre esse ponto, bell, peço licença para compartilhar com você minhas memórias de criança.

Quando aos cinco anos de idade meu pai havia nos abandonado, passei a acompanhar a minha mãe em sua busca por trabalho. Ela batia de porta em porta oferecendo serviço de

¹¹ TELLES, Vera da Silva. **Espaço público e espaço privado na constituição do social**: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. *Tempo Social*, São Paulo, v.1, p. 23-48, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v2i1.84786>. Acesso em: 16 nov. 2021.

faxina para nos alimentar. Me lembro das vezes em que rejeitavam sua mão de obra por levar uma criança consigo, mas ela não tinha quem cuidasse de mim, com segurança, enquanto ela estivesse trabalhando. Outras “patroas” trancavam os armários e vigiavam a comida. Mas, também houveram lugares onde minha mãe pôde trabalhar com dignidade e fui tratada com carinho, como uma criança deve ser.

Acredito ter encontrado uma resposta para uma questão que ficou martelando em minha cabeça: sendo a democracia uma forma de governo na qual o povo exerce sua soberania, que tipo de povo atualmente é o brasileiro? Estamos famintos. Famintos de comida na mesa, de esperança na alma, de alegria no coração, de beleza no olhar, de fé na vida, de compaixão com a dor alheia, de solidariedade, de verdade e de justiça. Temos fome de cidadania. Me lembrei de outra música para ilustrar e problematizar esta situação. Não tive irmãos e minha mãe sempre ouvia rádio. As músicas eram minhas companhias e minhas distrações na infância, por isso minha cabeça tem instantaneamente músicas para cada situação.

A música intitulada “Comida”¹², cantada pela banda Titãs, nos traz algumas referências para pensar um pouco mais sobre a fome democrática que atravessamos. A data de lançamento dessa música, 1987, coincide com o momento histórico no qual o Brasil tentava se erguer como uma república democrática, após vinte anos de ditadura militar. Acredito que, por essa razão, a canção inicie com o seguinte trecho: “*Bebida é água/ Comida é pasto/ Você tem sede de quê? / Você tem fome de quê?*”. Os sectários do bolsonarismo, por sua forma peculiar de seguir cegamente as verdades dadas por seu líder, receberam diversos apelidos, dentre eles, gado.

Assim, me recordo imediatamente da obra dos primos Elba e Zé Ramalho, “Admirável gado novo (vida de gado)”¹³, escrita do ano de 1979, tempo em o país ainda estava sob o regime militar. Há dois momentos dessa bela música que trago para nossa conversa, bell. O refrão se repete diversas vezes enfatizando “*Eh, ó, vida de gado/ Povo marcado eh/ Povo feliz*”. Noutro trecho ouvimos que “*O povo foge da ignorância/ Apesar de viver tão perto dela/ E sonham com melhores tempos idos/ Contemplam esta vida numa cela*”.

Passados 30 anos, mais ou menos, dessas canções, percebo que continuamos na mesma. Falando da fome do estômago. O alimento está cada dia mais caro, se tornando cada vez mais distante das famílias mais pobres, sendo substituído pelos ultraprocessados. Falando da fome de diversão, as formas de entretenimento atualmente são as mais diversas, principalmente pelo advento da internet. Neste espaço, a enxurrada de informações e conteúdos é vertiginosa. A diferença entre informação e conhecimento tem ficado bem clara, a exemplo das *fake news*.

O gênero musical em alta no momento é a sofrência. Nada contra, mas sempre penso na importância da letra, do que está sendo cantado, afinal a arte é um ato político e, se ela é usada para normalizar o sofrimento, a depreciação, o desvalor, talvez isso nos indique algo. Talvez seja uma forma de se acostumar a viver no sofrimento, a “contemplar a vida de uma cela” como dito anteriormente. E assim vamos consumindo o que nos é posto, não nos

¹² TITÃS. **Comida**. Rio de Janeiro: Warner Group Music, 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹³ ZÉ RAMALHO. **Admirável gado novo**. Epic Records, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwqoeKlaJQs>. Acesso em: 15 nov. 2022.

questionamos sobre o valor nutricional. Apenas consumimos, porque o rótulo ou a blogueira nos diz que é saudável ou que é disso que eu preciso, mesmo sem me conhecerem.

Sabe bell, há cinco anos sou professora de criancinhas, em uma escola pública. Através das leituras, das histórias que ouço das professoras mais velhas, entendo que nunca foi fácil. Em muitos momentos me sinto soterrada com tantas tarefas, afazeres, exigências e burocracias da profissão. Penso que a docência é essencialmente científica. Eu planejo cada aula de acordo com o currículo, mas também com as necessidades da turma, com a didática específica para ela. E quando chega o grande momento, tudo pode mudar. É uma pergunta que surge ou mesmo um desinteresse que muda a direção daquela aula. E a gente se inventa e se reinventa com embasamento, com conhecimento. Contudo, a exaustão, que me parece uma constante e ingrata companheira de profissão é, por vezes, dissipada pela alegria de um aluno em reconhecer sua letrinha em uma embalagem ou anúncio na TV ou quando exhibe com orgulho a escrita de seu nome. É maravilhosa a sensação de dar sentido ao mundo para aquele pequenino ser! É inexplicável a alegria que sinto.

Diante do nosso assunto, me pego em novos questionamentos: como a escola pública para a classe trabalhadora está neste cenário? Como ela pode se posicionar de forma a promover consciência de classe? Qual o lugar da democracia no ensino atualmente?

O bolsonarismo tem atacado ferozmente a escola e seus profissionais com ofensas e mentiras. Durante a pandemia da COVID-19, quando ainda não havia vacinas, trabalhar de casa foi a solução para uma parcela da população e os professores faziam parte desse público. O retorno presencial era um risco à saúde de todas as pessoas. Mas, eram constantes as falas e atitudes do desgoverno em banalizar a grave situação sanitária que assolava o planeta. Nessa corrente, muitos de seus seguidores passaram a fazer protestos pelo retorno das aulas presenciais. Teve até passeata organizada por escola particular com direito a participação dos funcionários, inclusive professores.

Em uma de suas lives semanais¹⁴, o presidente dos negacionistas atacou mais uma vez os professores dizendo “[...] para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir [...]”. A corrente de insultos e distorções incitada por este desgoverno, em inúmeras ocasiões, alimentou as agressões a esta classe já tão adoecida, violada em seus direitos e desprestígio social. Tudo isso foi muito cansativo e desgastante, pois além da constante ameaça da doença, a necessidade de isolamento por si só gerou diversos problemas em todas as pessoas, como por exemplo ansiedade, insônia e depressão. Mas nada é por acaso, não é mesmo, bell?

[...] à medida que os interesses dos grandes negócios e do capitalismo corporativo incentivam os estudantes a olhar para a educação somente como meio de alcançar sucesso material. Esse pensamento torna a aquisição de informação mais importante que a obtenção de conhecimento ou o aprendizado do pensamento crítico. O princípio da igualdade, que está no cerne dos valores democráticos, faz pouquíssimo sentido em um mundo dominado por uma oligarquia global (hooks, 2010, p. 41).

¹⁴Live realizada em 17/09/2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsIdVBSushc&t=1293s>. Acesso em: 16 jan. 2023.

Obrigada por ajudar a elucidar a intencionalidade destas atitudes com este trecho tão valioso para mim.

Para atravessar esses dias foi preciso resiliência, paciência, fé em dias melhores, perseverança e amor, aliás, muito amor. E por falar neste nobre sentimento, lembro de um texto¹⁵ que foi publicado no jornal Correio da Manhã, em 14/10/66, quando o Brasil estava há dois anos sob o regime militar. Escrito por Carlos Drummond de Andrade, um dos grandes poetas brasileiros, este nos fala “[...] *Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente. Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando.*” Veja só, bell, mais uma “coincidência”. Uma diferença de tempo de mais de quarenta anos e, ainda assim, tão bem descrita pelo poeta.

No chão da escola, sendo professores, precisamos diariamente de doses de amor, esperança, humor, afeto, compreensão. Como educar as crianças a fim de que aprendam sobre seu poder de cidadãos? Como fazê-los crer que nada está posto, imutável, pelo contrário, que vivemos uma constante luta? Como esclarecer que as tentativas de derrubar os poucos direitos que conquistamos são diárias? E mais ainda, como parar os mecanismos postos em grande parte dos ambientes, para confundir quem somos, nos dissuadir sobre o quê, quando, como e quanto podemos alcançar?

Em Freire, encontro esclarecimento para este panorama de fanáticos e lunáticos quando ele nos fala que

[...] a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre[...] A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada. Parta de quem parta, a sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens. [...] O sectário, por sua vez, qualquer que seja a opção de onde parta na sua ‘irracionalidade’ que o cega, não percebe ou não pode perceber a dinâmica da realidade ou a percebe equivocadamente. Até quando se pensa dialético, a sua é uma ‘dialética domesticada’ (FREIRE, 1987, p. 13-14).

Os constantes debates sobre as variadas fobias que estão camufladas na cultura brasileira me fazem perceber o quanto parte de nós mesmos ainda é tão adoecida. Ainda que você estude, se esclareça, ainda há muito a ser feito. Por mais que queiramos nos ver e nos entender como pessoas que se horrorizam com o racismo, o sexismo, a homofobia, por exemplo, é fundamental a autorreflexão do quanto ainda praticamos essa cultura, do quanto o opressor ainda está instalado dentro de nós, disfarçado das formas mais estapafúrdias, por termos nos acostumado com hábitos e tratamentos tão violentos e perniciosos.

Como e quanto me ponho a perceber as formas do opressor que ainda residem em mim, em minha prática diária com as crianças? Como reajo às atitudes deles quando reproduzem as facetas das fobias, aprendidas como comportamento normal? Esses questionamentos me lembram uma turma de pequenos que tive, na qual certo dia estávamos

¹⁵ Texto sobre a música “A Banda” de Chico Buarque. Disponível em: <https://chico-buarque.com/2021/06/14/a-banda/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

numa atividade em que cada um deveria escolher um livro para ler na sala. Um dos alunos se recusava a pegar em um livro que tinha na capa uma menina regando uma flor. Ao perceber o quanto ele estava irredutível, afirmando que não leria o livro, o perguntei qual a razão. Ele me disse que “o livro era de mulherzinha”. Confesso que fiquei assustada com a fala dele, mas quis entender o que se passava no entendimento dele, até porque, tinham outros dois alunos na sala que sempre escolhiam a cor azul. Em qualquer atividade. Em qualquer situação, eles apenas queriam azul.

Então, eu reuni os alunos e perguntei se alguém concordava com ele. Todos responderam que era um livro normal, como qualquer outro e me pediram para contar a história. O texto narrava a história de uma plantinha que morava em uma casa com uma menina e sua mãe. Ao ver o quanto ela era tratada com carinho pela mãe, a plantinha resolveu adoecer para receber os mesmos cuidados. Ou seja, não havia nada de extraordinário na história. Assim, as crianças indagaram o colega sobre a razão deste livro ser, para ele, de meninas. Ele respondeu que era por causa da flor, que flor era apenas “coisa de menina”. Aproveitei e comecei os questionamentos: mas lá no sítio onde você mora, as plantações não dão flores? Você não entra na escola segurando as flores que traz para mim quase todos os dias? Quem disse que flores são coisas de meninas ou de meninos? Aproveitei para problematizar a situação das cores. “Minha blusa é azul. Essa cor é de menino?”, “Qual problema em brincar de massinha rosa ou vermelha?” Sempre que eu tinha oportunidade levantava essas questões com essa turma, naquela perspectiva do ditado popular: *“água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”*.

Terminando esse caso, me lembrei de outro que acredito ser pertinente nessa nossa prosa. Com essa mesma turma, certo dia, a temática da aula era o Dia da Consciência Negra. Os pequenos são muito inteligentes e perspicazes, por isso expliquei a eles, de forma resumida, sobre como a nação africana teve suas terras e cultura invadidas, roubadas pelos brancos. Acrescentei como a nação brasileira é formada em grande parte por negros e suas principais características físicas. Expliquei que o meu cabelo cacheado foi herdado da minha avó materna e meu bisavô, ambos negros. E assim, os próprios meninos começaram a se olhar e se identificarem brancos ou negros, dentro daquela descoberta inocente e bonita de criança, despida de julgamentos ou preconceitos. Durante a aula, tiveram duas alunas que me deram a entender que esse assunto já havia sido tratado com elas, pois rapidamente disseram com muito orgulho: *“Tia, eu sou negra”*. Mas sempre tem um porém. O aluno do “caso” da flor e uma menina, ambos negros, se identificaram como brancos. Não interferi em suas autodeterminações.

Mas você sabe, as crianças são um doce, mas também são um *cadimbo cricri*. Imediatamente, a maioria dos meninos se dirigiram aos dois argumentando que eles eram negros, pois bastava perceber os lindos cachos nos cabelos e a “pele como chocolate” como dito por um deles. Mas era nítido o horror dos dois ao perceberem que são negros. Ao perceber a situação, eu intervi para encerrar a questão. Nisso, uma aluna branca que fez questão de dizer que a mãe é negra comentou sobre racismo dizendo: *“Você sabia, Tia, que tem pessoas que maltratam as outras só por causa da cor da pele?”*. Então, aproveitei para explicar sobre o racismo e outras formas de discriminação.

Acredito que a forma de abordar situações assim faz toda a diferença. Conduzir àqueles seres humanos que passam por mim a olhar a vida sob uma ótica democrática, inclusiva, participativa do mundo, no mundo e com o mundo, abre caminhos para novos

olhares, novos entendimentos. Novos horizontes e possibilidades para eles, enquanto aprendizes que também me ensinam. Por isso, me autodenomino como professora-aluna.

Obrigada, bell, por poder dividir com você um pouquinho das minhas reflexões.

Te desejo paz e luz!
São Geraldo, dezembro de 2022.